

Messianismo e ficção histórica – líderes femininas

Prof. Doutora Edna da Silva Polese (FARESC)

Os romances *Videiras de Cristal* (1990), de Luiz Antonio de Assis Brasil, e *Sete léguas de paraíso* (1989), de Antonio José de Moura, tematizam a atuação de duas mulheres líderes messiânicas: Jacobina Maurer e Benedita Cipriano. A exemplo de Canudos e do Contestado, também esses movimentos foram destruídos a *manu militari*. Enfatiza-se a perspectiva do estudo da personagem para analisar essas obras, assim como os recursos utilizados pelos escritores para essa construção. Tais perspectivas caracterizam a ficção histórica da atualidade.

Não penseis que vim trazer paz à terra.
Não vim trazer paz, mas espada.
Mateus 10, 34-35

Introdução

Jacobina Maurer e Benedita Cipriano foram líderes de redutos messiânicos. No trato ficcional é possível acompanhar a construção da figura do líder a partir do olhar dos personagens secundários. Seja para confirmar a sacralização dessa líder ou para tentar desconstruir essa imagem, os autores apresentam esses perfis. No reduto messiânico o grupo formado pelos crentes e seguidores das líderes é formado, principalmente, pelos excluídos.

Para analisar a construção da imagem do líder, utilizamos a teoria de Auerbach que em *Figura*¹ pesquisa o sentido terminológico do termo em diferentes épocas, de Terêncio a Tertuliano, quando o sentido muda radicalmente frente à realidade do cristianismo: “O estranho e novo significado de figura no mundo cristão pode ser encontrado pela primeira vez em Tertuliano, que o usa com frequência.” (AUERBACH, 1997, p. 26). O termo, largamente utilizado na teologia cristã, modifica

¹ No prefácio, assinado por Modesto Carone, é possível apreender o percurso de Auerbach:

A partir de uma exposição erudita das aparições do termo em autores que vão de Terêncio a Quintiliano, passando entre outros por Varrão, Lucrécio, Ovídio e Plínio, nos quais “figura” comporta significados cambiantes — forma plástica, imagem, cópia, forma que retrata ou forma que muda —, o percurso da semântica histórica descrita pelo ensaísta chega à concepção de figura de linguagem — “forma de discurso que se desvia do seu uso norma e mais óbvio”. Mas nos múltiplos registros da palavra Aueurbach descobre a alusão escondida que tende a ser revelada e expandida pelos Pais da Igreja na Idade Média. Assim é que em Tertuliano “figura” indica a representação concreta de algo que vai se realizar no futuro. A “figura” é então algo real e histórico que anuncia outra coisa que também é histórica e real. A noção aí incorporada torna-se essencial para um tipo de interpretação incumbida de mostrar que “as pessoas e acontecimentos do Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção.” (CARONE, 1997, p. 7)

o sentido do Novo Testamento: de livro representativo da Lei, passará a ser interpretado como profecia para o advento da graça.

Esse tipo de interpretação tinha como objetivo mostrar que todas as pessoas e acontecimentos do Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção. Vale a pena observar que Tertuliano negou expressamente que a validade literal e história do Velho Testamento pudesse ser diminuída pela interpretação figural. Ele era decididamente hostil ao espiritualismo e recusava considerar o Velho Testamento como mera alegoria; para ele, seu significado era totalmente literal e real, pois, até onde havia profecia figural, a figura possuía tanta realidade histórica quanto aquilo que profetizava. A figura profética, em seu entendimento, era um fato histórico concreto, preenchida por fatos históricos concretos. (AUERBACH, 1997, p. 28)

Figura é o que estava no passado prenunciando o futuro. Algo que será concretamente realizado. Personagens do Antigo e Novo Testamento promovem esse movimento de preenchimento, como exemplificado pelas figuras de Moisés e Cristo:

A profecia figural implica a interpretação de um acontecimento mundano através de um outro; o primeiro significa o segundo, o segundo preenche o primeiro. Ambos permanecem acontecimentos históricos; ainda assim, vistos deste ângulo, contêm algo de provisório e incompleto; um remete ao outro e juntos apontam para algo no futuro, algo que está para vir, que será o acontecimento real, verdadeiro, definitivo. Isso não é verdade apenas em relação à prefiguração do Velho Testamento, que aponta para a encarnação e a proclamação do evangelho, mas também para aqueles acontecimentos recentes, pois eles também não são o preenchimento derradeiro, mas trazem em si mesmos uma promessa do fim dos tempos e de verdadeiro reino de Deus. (AUERBACH, 1997, p. 50)

Consideramos que a interpretação figural de Auerbach possa nos direcionar no intuito de decifrar a figura do líder, mais precisamente, do líder messiânico. O termo pressupõe que a imagem desse personagem histórico destaca-se de maneira peculiar. O líder messiânico procura realizar uma ação outrora anunciada. Sua imagem está vinculada à de Cristo ou vinculada a outras personagens históricas de atuação religiosa, fato que corresponde ao que Auerbach observa sobre a interpretação figural:

Os dois pólos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica. Só a compreensão das duas pessoas ou acontecimentos é um ato espiritual, mas este ato espiritual lida com acontecimentos concretos, sejam estes passados, presentes ou futuros, e não com conceitos e abstrações; estes últimos são secundários, já que promessa e preenchimentos são acontecimentos históricos reais que ou já aconteceram na encarnação do Verbo, ou ainda acontecerão na segunda vinda. (AUERBACH, 1997, p. 46)

O Messianismo, cujas origens encontram-se no Antigo Testamento, preenche-se de significado com a presença de Cristo e a fundação de uma nova conduta religiosa. A promessa do retorno, registrada nos Evangelhos e no livro do Apocalipse, fomenta o imaginário através de séculos e séculos de conduta cristã. É no período medieval que esta espera está fortemente alinhada à conduta de vida. Readaptado em terras americanas, o sentido do messianismo articula-se com outras culturas. Cristo está vinculado à conduta de Antonio Conselheiro – o Bom Jesus – assim como à Jacobina Maurer, o Cristo Feminino. No entanto, o rei Carlos Magno será também será uma figura recorrente na conduta de personagens que protagonizaram a atuação de líder: é o

caso do Monge José Maria, do Contestado e também de Benedita Cipriano que convoca as figuras de Carlos Magno e Dom Sebastião como reis guerreiros e divinos que lutarão ao lado dos crentes.

1. Videiras – a construção do ser divino

Jacobina Maurer é a líder do reduto dos Muckers. Toma, aos poucos, o lugar do marido, o curandeiro João Jorge Maurer, analfabeto, que, no entanto, conhece os poderes curativos das ervas e atende os pobres da região sem cobrar nada. É conhecido como Wunderdoktor – o doutor maravilhoso. As autoridades locais aceitam essa prática devido à distância e à falta de poder aquisitivo da maioria da população para tratar-se com médicos formados. A situação se modifica quando Jacobina, após um longo histórico de transe que contribuem para formatar sua imagem mítica, passa a atuar junto ao marido alegando que o poder curativo advém do Espírito Natural e que tal força espiritual fala e atua através de seu corpo. O poder de convencimento e a sedução que Jacobina exerce sobre as pessoas é significativo. Em pouco tempo passa a ser conhecida como a *Christussin*, ou Cristo feminino. O epíteto gera revolta aos “não crentes”, que criam a alcunha de Muckers – santarrões, hipócritas, santos fingidos – para se referirem a Jacobina e seus seguidores. Provocações, ameaças e enfrentamentos não ficam reduzidos às palavras. A violência domina: assassinatos e incêndios dizimam famílias inteiras, tanto do lado dos Muckers como dos que tentam restabelecer a ordem anterior. O Exército Imperial é convocado e não sem esforços, à lembrança de Canudos, arrasa o reduto. A narrativa, muito bem construída, tece a atuação dos principais personagens e Jacobina presentifica-se, mesmo que indiretamente, na fala e no ponto de vista dos demais personagens. Há, portanto, uma significativa construção focalizando personagens secundários e alguns desses são responsáveis pela construção imagética da líder do reduto, no nosso entender. Jacobina como guia espiritual, traz uma marca fugidia, o que parece traço comum em personalidades ligadas a esse mundo. Suas aparições e falas são voltadas a um mundo articulado entre o real e o espiritual. Suas ações são tomadas de surpresa. A fala propositalmente hermética provoca a admiração de seus seguidores:

Falava com grande fluência e suas explicações se revestiam de aspectos fantásticos. Sendo a gente que a rodeava “sem nenhuma ou quase nenhuma instrução”, escutava-a fascinada, e “quanto mais extravagante eram as interpretações de Jacobina, e quanto menos as entendiam, mais alevantado era o conceito que formavam de sua sabedoria, chegando a acreditar que era ela inspirada por um espírito superior.” (QUEIROZ, 1965, p. 223.)

O séquito de Jacobina é formado por um grupo representante de uma espécie de segundo patamar da hierarquia, sendo Jacobina a única a deter o comando. Em seguida está o grosso do grupo: as famílias da região que formam o grande volume dos crentes. Nesse segundo patamar estão o marido de Jacobina, João Jorge Maurer; Ana Maria Hofstätter – empregada de João Jorge e Jacobina, torna-se seguidora do grupo; Jacó Fucks (Jacó Mula) – parente de Jacobina, amalucado, desprezado pela família; Rodolfo Sehn – filho de João Sehn – muito próximo de Jacobina; Tio Fuchs, um dos mais fanáticos, protetor do reduto.

Jacó-Mula constrói a visão divinizada de Jacobina e em contrapartida, Christian Fischer, psiquiatra alemão, acaba por seduzir-se pela profetisa através de outra lógica. A imagem de Jacobina constrói-se a partir dessa gama de olhares externos:

A narrativa constrói-se filtrada pelo olhar de personagens secundárias, o que exime o narrador de emitir avaliações, assegurando-lhe suposta imparcialidade. Assim, o leitor conhece a líder Jacobina pelas suas ações e pela opinião dos outros, sobretudo por seus seguidores, mas também, ainda que em menor grau, pelos representantes do poder oficial, leigo e religioso. A preferência pelo filtro dos crentes permite que o modo de funcionamento daquele universo dominado pelo maravilhoso não seja questionado por lógica diferente, orientada por conceitos estranhos àqueles valores. (WEINHARDT, 2004, p. 148)

Se o reduto é formado principalmente por pessoas simples e de pouca instrução, é verossímil que a figura de Jacó-Mula seja emblemática à situação. Jacó-Mula, por ser assinalado como alienado, é desprezado pela família e pelos amigos. Sente grande atração pelo reduto formado por Jacobina, mas percebe que entrará em conflito com os seus se associar-se àquele grupo.

O encontro entre Jacó-Mula e o Doutor Christian Fischer mostra-se como o início de uma relação produtiva: Jacó pressente que estava diante de um médico diferente, que o ouvia com atenção. Consciente de sua situação, Jacó revela ao doutor: “— Dizem que sou um bobo. Meus parentes todos, meu tio, meus primos, até minha mulher.” (p. 38). Mais adiante pensa: “Jacó-Mula só falava tolices” (p. 39). Essa autoconsciência de exclusão percorre toda a narrativa, mas modifica-se o modo de interpretá-la quando Jacó é aceito no reduto de Jacobina.

O personagem Jacó e o estabelecimento de sua função no corpo da narrativa, aproxima-se à de outras personagens que no campo ficcional alcançaram um dimensionamento exclusivo em narrativas centradas em movimentos religiosos: são seguidores que apresentam algum desvio físico e/ou mental. Presentes em narrativas como *A guerra do fim do mundo* (Leão de Natuba); em *Sete Léguas de Paraíso* (Zé-Jegue); esses personagens recebem um tipo de tratamento diferenciado por parte do líder espiritual: recolhem-nos, fazendo-os experimentar um dimensionamento humano nunca antes vivenciado.

Tais personagens têm em comum a vivência da exclusão. O personagem histórico Leão da Silva fora realmente secretário ou escriba de Antonio Conselheiro, conforme comenta Walnice Nogueira Galvão no prefácio de *Breviário de Antonio Conselheiro*. No trato ficcional de Llosa o personagem Leão de Natuba fora resgatado por este quando se encontrava numa situação terrível: por sua deformidade espantosa é visto como um ser maligno pelos moradores da região em que nascera e acusado de ser o responsável pela morte de uma moça. A população, incentivada pelo pai da moça, decide queimá-lo vivo (LLOSA, 1982, p. 108). A descrição e a opinião das pessoas já anteciparam atitudes provindas do preconceito e da superstição: “Nasceu com as pernas muito curtas e a cabeça enorme, de modo que os habitantes de Natuba pensaram que seria melhor para ele e seus pais que o Bom Jesus o levasse logo, pois, no caso de sobreviver, seria entrevado e retardado. Só a primeira previsão acabou acontecendo.” (LLOSA, 1982, p. 104). Após ser salvo pelo Conselheiro a “figurinha meio humana, meio animal” decide segui-lo por perceber que ao lado do beato teria uma vida mais

aceitável. Semelhante ser deformado é descrito nas páginas de *Sete léguas de paraíso* e salvo de uma situação semelhante: um grupo tenta capturar e matar a figura humana que mais se assemelha a um quadrúpede.

Ao compor a cáfila de seres notáveis por variegados motivos, lá se encontrava Zé Jegue, a passear sua deformidade mitotológica pelas ruas com tamanha mansuetude que até mesmo a demiurga se espantava de que aquela espécie de centauro subjugado a laço e a ponta de zagaia numa gruta se houvesse deixado domesticar a tal ponto, embora esse animalão da cintura para cima homem e da cintura para baixo quadrúpede não lograsse em três anos de Lagolândia pronunciar mais que meia dúzia de palavras, num tom estentório idêntico ao estropido de um trovão, êh, ên, ô, ooooô, êh, êh, comê, bebê, eu, oô, êh, êh, gostar, você, aqui. (MOURA, 1989, p. 199)

Ao contrário do Leão de Natuba, portador de grande inteligência e alfabetizado, Zé Jegue mal pronuncia algumas palavras, mas domesticado por Dica, transforma-se num ser inofensivo. Resgatado de uma situação violenta também carrega a marca da exclusão e é através do tratamento humano que recebe que passa a conviver entre “gente normal”:

Ferido, moído de pancadas e arrochado de cordas que lhe laceravam a carne quase limando-lhe os ossos, o animalão semidesmaiado foi finalmente içado por dez homens a uma carreta e, em Lagolândia, jungido com a mesma severidade a um moirão, dentro da cobertura de palha adrede preparada. Decorrido um trimestre, visitado pela demiurga, que lhe levava comida e com ele conversava, era visível que a cada dia Zé Jegue conquistava maiores espaços e liberdade de movimento. Ao cabo de oito meses, domesticou-se e dulcificou de tal modo a sua natureza que pelas próprias mãos de Madrinha viu-se livre das cordas de muito afrouxadas e aceito, como se fosse um cidadão, nas ruas. Então, somente pelo aspecto físico lembrava o antropóide ferocíssimo de outrora. (MOURA, 1989, p. 201)

A domesticação e aceitação no reduto por parte do líder opera-se a partir da força de mando que a liderança exerce. Por outro lado, fica subentendido que somente pessoas conduzidas por uma espiritualidade superior aos demais seriam capazes de semelhante ato: aproximar-se, aceitar e receber seres que são vistos até como monstros pela população. Em *A guerra do fim do mundo* o fato de o Conselheiro estar presente exatamente no dia da imolação do Leão de Natuba comprova isso:

Nesse momento chegou o santo. Devia ter posto os pés em Natuba na noite anterior, ou nessa madrugada, e alguém o informara do que estava para acontecer. Mas essa explicação era simples demais para aquela gente, a quem o sobrenatural era mais crível que o natural. Eles diriam que sua faculdade de adivinhar, ou o Bom Jesus, o levaram a essas paragens do sertão baiano, naquele instante, para corrigir um erro, evitar um crime ou, simplesmente, dar uma prova de seu poder. (LLOSA, 1982, p. 108)

Tal atitude legitima a divindade do líder messiânico e para o ser excluído a imagem desse líder pode ultrapassar a própria noção de religiosidade e crença, como no

trecho a seguir, em que o Leão de Natuba confessa ao Conselheiro e aos demais presentes a sua visão sobre a fé: “Depois das rezas, tinham começado a se confessar em voz alta. Quando chegou sua vez, em um súbito arrebatamento, disse algo que ninguém lhe tinha ouvido antes: “Eu não creio em Deus nem na religião. Só em você, pai, porque me faz sentir humano”. (LLOSA, 1982, p. 266.)

Semelhante sentimento impulsiona Jacó até Jacobina. Quando finalmente decide seguir para o Ferrabrás, após sofrer humilhações num estabelecimento comercial, Jacó-Mula é recebido por Jacobina de uma maneira envolvente e profunda. O modo como Jacobina fala, antecipando algo que já conhecera, em proximidade à capacidade mediúnica, é o que encanta os seguidores:

Quando chegou sua vez, Jacó-Mula hesitou.

— Entre — disse-lhe Tio Fuchs. — E não fale nada.

Frau Maurer estava sentada aos pés da cama. Ao enxergá-lo, abriu os braços e puxou-o para si.

— Como demorou — e deu-lhe um beijo na testa. Afastou-o e disse, olhos nele: — De hoje em diante você é um dos nossos. Preciso de você.

Jacó-Mula ajoelhou-se, descansou a cabeça no colo de Frau Maurer, sentindo a respiração compassada e quente que chegava a seus cabelos. Enfim descobria o seu lugar na terra. (ASSIS BRASIL, 1990, p. 84)

Jacó-Mula passa de ente desprezado pelas pessoas a um dos seguidores mais fervorosos de Jacobina. É uma fé pueril. É através desse personagem que o autor evoca o dimensionamento de nuances do inusitado no enredo: é Jacó-Mula quem consegue ter visões reveladoras da Mutter, testemunhando o momento em que ela é quase elevada aos céus; quando surge com roupas divinas cercada de anjos; quando junto de Rodolfo Sehn e da filha da fé, a caçula de Jacobina, formam a imagem da sagrada família através do olhar de Jacó-Mula. É também Jacó-Mula quem descobre um meio de despertar Jacobina de seus momentos de intenso sonambulismo (p. 120-122), ocasiões em que fica em estado letárgico por dias, exemplo máximo de sua comunicação com o divino. A primeira visão fantástica de Jacó-Mula revela-se para ele a consciência de ser o único capaz de alcançar tal patamar:

Ela começou então a levantar os braços como se fossem atraídos para cima, os olhos em êxtase fixados nas alturas, embebidos na luz que agora sim Jacó-Mula *passava a enxergar*: provinda de cima, irradiava cintilações lilases sobre a figura, reverberando na brancura da túnica e, expandindo-se pela sala, iluminava os rostos.

(...)

Com um arrepio, Jacó-Mula *percebeu* que a mulher não pousava mais no piso, alçava-se num movimento suave e contínuo em direção ao teto estranhamente aberto, revelando o céu naquele final de tarde onde as nuvens douradas davam lugar a grandes claros de azul. E ela sorria, desejosa de abandonar este mundo pecador e perverso. Os braços estiraram-se em todo o comprimento e o corpo alongava-se como uma seta apontando para o alto.

Entre as nuvens então soou a voz grave e antiga do Senhor, vinda desde a eternidade das eras:

ESTA É MINHA FILHA MUITO AMADA,

NELA EU PUS
TODA MINHA BENEVOLENÇA. (p. 157)

A voz de Jacó, personagem secundária da trama narrativa, é recurso necessário para que se realize a visão mítica da imagem de Jacobina. É a confirmação de que ela é o messias encarnado em corpo de mulher. Segregado pelo traço da loucura, Jacó incorpora a licença necessária para apresentar o inusitado em uma narrativa marcada principalmente pelo tom realista. De acordo com Jorge Neres (2008): “Além de todo um ritual que agrega os colonos pobres da região, fazendo-os abandonar as religiões tradicionais, Jacobina se utiliza de Jacó Mula como referendário de seus supostos milagres.” Neres ainda afirma que a importância de Jacó na trama e a licença obtida através da linguagem apropriada ao alienado é um recurso utilizado pelo autor para criar a legitimação da figura espiritualizada de Jacobina:

Jacó-Mula será, pois, com seus delírios alardeadores, a voz a confirmar o caráter místico de Jacobina, rubricando, com sua imaginação, os supostos milagres que hão de causar o desmoronamento da harmonia no seio da colônia alemã e a conseqüente guerra dos mucker. Em outras palavras, a inserção desta personagem torna-se o grande truque do autor para o desenvolvimento da narrativa [...] (NERES, 2008, p. 2)

A autoconsciência de Jacó acerca de sua posição de alienado e portador da experimentação de verdades não compartilhadas pelos demais formatam a líder, o reduto e seus seguidores.

Perfis narrativos – A construção de Benedita Cipriano

A narrativa de *Sete Léguas de Paraíso* organiza-se através de vários focos, alternando-se perfis e histórias entre opositores e seguidores da líder. Não há, portanto uma ocupação central com a imagem de Benedita Cipriano, mas, através desses vários focos, o reduto, sua líder e sua gente, recebem diversas interpretações.

A abertura, por exemplo, apresenta o personagem do Padre Ortiz, responsável, em parte, pelo encaminhamento para que as autoridades locais tomassem providências perante a ampliação do reduto e a forte agregação de novos crentes. O narrador, além de cuidar do trato psicológico, antecipa acontecimentos muito além do episódio principal da narrativa, apresentando o final trágico de alguns personagens anos após vivenciarem o surgimento do movimento liderado por Dica.

Assim, apresenta um rol de personagens que são construídos em pé de igualdade à presença da líder, como Bastinho, o coronel mandante da região, um inimigo voraz de Dica por ter sofrido rejeição por parte desta. É do seu amor próprio ferido que alicerça as forças para buscar destruir o reduto.

Quanto aos personagens que convivem no espaço do reduto organizado por Benedita, o narrador destaca três figuras: Cazuzinha – traumatizado criminoso que perseguido pela imagem de uma de suas vítimas, enlouquece e encontra refúgio no reduto de Benedita; a “mulher do fígado branco” – bela e perseguida figura que carrega o fardo de ter enviuvado doze vezes e ter sido a responsável por tal situação; Zé-Jegue – figura deformada, antropófago, monstro, aberração – que é amansado pelas mãos de

Benedita. As histórias desses personagens intercalam-se no decorrer da narrativa quebrando a cronologia dos acontecimentos, assim como anteriormente a narrativa fora quebrada para apresentar a vida de Padre Ortiz e a do temido e extremado juiz.

A loucura de Cazuzinha provoca infortúnios para o refúgio. Cazuza fora capataz da fazenda do coronel Setembrino de Sá e entre suas funções inclui-se a de se livrar dos indesejados que ocupam as terras do coronel. Será em uma dessas investidas, quando dizima uma família inteira, que ocorre a situação limite: ao degolar uma das crianças vê-se diante de sua própria consciência e a cabeça da menina, praticamente arrancada do corpo, continua a repetir “diabo, diabo, diabo”: “Desde então Cazuzinha não cessara de gritar Olha o sangue, olha o sangue, mãe, esta menina é a raiva de Deus me perseguindo.” (MOURA, 1989, p. 190). Inutilizado em suas funções, torna-se peso e estorvo para os demais, sendo levado, portanto, ao reduto. Parece que ali, na comunidade de Benedita, é o local de despejo dos infortunados e dos que se tornaram uma responsabilidade intolerável para os que desejam viver a normalidade: “E agora Cazuzinha ali para dar trabalho a Madrinha. Ela disse que o sofrimento do louco era remédio amargo destinado a purgar-lhe os pecados, se não todos ao menos aqueles que mais clamaram aos céus, melhor quitar nesta vida o que vai a débito na outra, onde gozo e padecimentos têm a marca da eternidade.” (MOURA, 1989, p. 191). Assassinado dentro do reduto, a notícia atrai a atenção dos jornalistas que não se cansavam de atacá-los. Dica percebe isso como um sinal.

Olalinda Letalina Brandão é portadora de uma espécie de maldição que a levou ao “conjugicídio” e tornou-a conhecida pelas alcunhas terríveis de “Linda Mata-Homem”, “Dona da Passarinha da Morte”, “Sega Vidas de Maridos”, “Viúva dos Doze”, “Noiva dos Defuntos”.

Escorraçada de vários lugares, será no espaço comandado por Dica que Olalinda encontrará refúgio, engrossando a massa dos desqualificados. Sua única salvação, e por extensa a dos outros, é abster-se da vida sexual. É o único lugar, no entanto, que conhece compreensão ao invés de repúdio:

Ao se pôr a caminho, fugindo a seis ordens de prisão, a Mulher do Fígado Branco esteve a pique de ser linchada, uma vez em Poções, outra vez na capital do Estado. Entregue às devoções de beata e a completa abstinência das alegrias da carne, em Lagolândia ela viveu o seu único embora curtíssimo período de apaziguamento de espírito, desde o sepultamento de Ruva.

Quando o reduto caiu, Olalinda morreu afogada. (MOURA, 1989, p. 209)

O deformado Zé-Jegue fecha o trio de figuras desafortunadas que reforçam o povo de Benedita. Recebem do narrador cuidado especial: cada qual mereceu páginas ou longos períodos explicando suas desafortunadas situações. É de Zé-Jegue que retiramos a impressão mais translúcida sobre Dica, a Madrinha, e o significado de sua presença:

Como os demais habitantes, Zé-Jegue venerava a demiurga, notando-se-lhe os olhos aquosos de ternura toda vez que ele se quedava a contemplá-la. Prestando-lhe atenção nesses momentos de derretimento do afeto, quem diria que aquele bicho humanamente dócil era o mesmo animal que aterrorizara vários municípios, inclusive Jaguará e Meia-Ponte do Pirineus, com fama de devorador de criações de

grande porte, sendo talvez antropófago, cruz credo, Deus nos livre e guarde de semelhante fera. (MOURA, 1989, p. 200)

O trecho final do excerto demonstra a voz do outro, do lugar comum julgador e temerário de uma figura assustadora e visualmente desumana. Segregados pela loucura, pela doença e deformidade, tais personagens são aceitos em sua humanidade pela líder da comunidade. O narrador posiciona-se de maneira crítica: apresenta as deformidades sociais embutidas naqueles que se dizem os portadores da ordem e da civilização; enfatiza a humanidade dos que naturalmente são segregados dessa mesma ordem.

Conclusão

A figura do líder messiânico, como o próprio nome já sugere, aproxima-se à de Cristo. Essa proximidade é reconhecida na construção ficcional de Benedita e também reconhecida em Jacobina, esta última, em vida, chamada de *Christussin* pelos seus seguidores: “Jacobina Maurer torna-se a Christussin, de modo irrevogável, quando os crentes a vêem ascender aos céus e escutam a voz de Deus a anunciando como a Sua filha. O episódio, que ocorre no Segundo Domingo depois da Páscoa, na casa de Maurer, é presenciado pelos principais seguidores durante uma das reuniões que realizam.” (MARTINS, 1998, p. 144). Martins informa, em nota, as circunstâncias do surgimento da alcunha de *Christussin* como referência à Jacobina, explicando que o termo surgiu numa reportagem de um dos jornais de São Leopoldo, *Der Bote*, datado de 2 de julho de 1873.

São os seguidores, os crentes, que proporcionam essa proximidade do líder messiânico ao divino. Em *Sete léguas de paraíso* o narrador registra essa voz. Para os seguidores é “santa, santa, santa, louvada seja, louvada!” (p. 65) assim como para o guia Bastião “Ela é santa toda vida. É santa um absurdo. Aquilo não tem um fiapinho de cabelo que não seja santo. E é virgem.” (p. 235). Segundo Frye, na teoria dos modos, o herói divino está alocado no primeiro patamar de sua proposta de organização. Tal personagem: “Se superior em condição tanto aos outros homens como ao meio desses outros homens, o herói é um ser divino, e a estória sobre ele será um mito, no sentido comum de uma história sobre um deus.” (FRYE, 1973, p. 39.) Se na literatura exemplificada pelo teórico surgem nomes de heróis semi-deuses, deuses, seres divinos vivenciando situações em que o inusitado é permanente, tentaremos aproximar tais traços à construção da imagem do líder religioso, mais especificamente os que estiveram à frente de combates em prol da defesa de seu reduto. Jacobina, assim como Benedita e Antônio Conselheiro são figuras históricas, portanto, sempre propícias a receberem novas interpretações sobre suas vidas e seus atos. Como registra Turchi, em citação anterior: “Toda história pode dar origem a outra história, com outras histórias nas quais diversamente construídas, encontram-se as mesmas figuras.” No trato ficcional e especificamente nas obras analisadas neste trabalho, notamos a preocupação dos autores em direcionar o olhar do leitor para essa possibilidade construtiva. No início da análise sobre a obra de Antônio José de Moura observamos como os personagens são divididos em dois grupos distintos: os que desejam o aniquilamento do reduto e sua líder; e os crentes, seguidores e defensores de Benedita. O primeiro grupo é responsável

pela divulgação dos epítetos desabonadores, pela divulgação do violento artigo, pela organização e destruição do reduto, da cidade santa. Vêem, portanto, Dica e seus seguidores como ameaça, como um grupo que não pretende seguir normas e condutas, como gente da ralé e perigosa. O segundo grupo, geralmente formado de escorraçados de toda espécie, percebe o reduto como um refúgio para os seus males e Dica, a Madrinha, como a porta-voz da vontade divina, vontade esta que é quase palpável frente à urgência da organização e construção da cidade. Benedita, portanto, não é como os de fora nem como os de dentro do reduto – está apartada desse ou daquele grupo. Pertence, para os crentes, ao mundo divino, comunica-se com anjos e recebe ordens diretas do plano superior. A ação executada pela personagem foge aos atos comuns dos mortais, aproximando-a da figura mítica de Cristo. Mede-se tal atuação pela força de ação do herói que pode ser “e essa força de ação pode ser maior que a nossa, menor ou mais ou menos a mesma” (FRYE, 1973, p.39).

A figura heróica do Messias, associada a outras do Antigo Testamento, percorre os “estádios e símbolos”: “Um nascimento misterioso é acompanhado por uma epifania ou reconhecimento como filho de Deus; símbolos de humilhação, traição e martírio, o assim chamado complexo do servidor que sofre, como vencedor de um monstro, e como guia de seu povo e sua legítima pátria.”(FRYE, 1973, p. 310). Tal trajeto, reconhecido no percurso de Jacobina e Benedita, alocam-nas na interpretação figural de Auerbach – são preenchimentos da figura de Cristo.

Percorrendo as etapas de humilhação, traição e martírio – Benedita e Jacobina tracejam um novo patamar – passam a preencher as lacunas para a execução de um personagem trágico através das teias da narrativa e enriquecida pela criação do mito. Tais personagens passam a ser considerados superiores aos outros homens, para seguir a classificação de Frye sobre as formas de ficção. Sendo superior, esse personagem é herói ou ser divino, construído pelo olhar dos crentes e daqueles que vivenciaram alguma experiência que comprovara a existência do inusitado, do místico, do inexplicável. A fala do soldado ou o resgate de falas dos crentes testemunhando que as balas batiam no corpo de Benedita e ricocheteavam, comprovam essa construção “havia visto anjos pairando à altura da gameleira e em torno de Santa Dica, fechando-lhe o corpo e vegetalizando o chumbo das descargas.”(MOURA, 1998, p. 275.)

Referências bibliográficas

- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LLOSA, Mario Vargas. *A guerra do fim do mundo*. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981.
- MARTINS, Cláudia Mentz. *Em busca de um paraíso: o messianismo em La guerra del fin del mundo e Videiras de cristal*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.
- MOURA, Antônio José de. *Sete léguas de paraíso*. São Paulo: Global, 1989.
- NERES, Jorge Paulo de Oliveira. *Jacó-Mula e Azarias: a alienação crítica e o insólito nas obras de Delibes e de Assis Brasil*. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. 2008, São Paulo.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo*: estudo sobre os romances do Sul.
Curitiba: Editora da UFPR, 2004.